



X CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO - EDUCERE

I SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE REPRESENTAÇÕES
SOCIAIS, SUBJETIVIDADE E EDUCAÇÃO - SIRSSSE

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ • CURITIBA, 7 a 10 de novembro de 2011

APRENDIZAGENS DA DOCÊNCIA NO ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO NO CURSO DE PEDAGOGIA

LOFFLER, Daliana - UFSM
dalianaufsm@yahoo.com.br

GIORDANI, Estela Maris UFSM - AMF
estelagiordani@gmail.com

SILVA, Josiane da – UFSM
rjosianesilva@gmail.com

Eixo Temático: Práticas e Estágios nas Licenciaturas
Agência Financiadora: não contou com financiamento

Resumo

Esse artigo é o resultado de uma investigação sobre a prática do estágio curricular em anos iniciais do ensino fundamental no curso de pedagogia de uma IFES. A pesquisa envolveu um trabalho coletivo de investigação e versa sobre as aprendizagens das estagiárias durante a prática docente no Estágio Curricular Supervisionado. O objetivo foi refletir sobre as aprendizagens que a prática pedagógica proporciona aos estagiários e como elas se vinculam, através de um processo dialético, para a qualidade do trabalho com os educandos. Para alcançar o objetivo principal, a abordagem da pesquisa foi qualitativa e opção metodológica foi a pesquisa ação ocorrida durante o período do semestre de estágio. Acompanhamos as orientações de estágio e definimos, para este trabalho, apenas a análise dos registros das reflexões diárias de três estagiárias ao longo do período de estágio. Tais reflexões foram construídas tendo como orientação da professora a questão norteadora “O que aprendi na minha prática hoje?”. A aprendizagem prática do Estágio Curricular Supervisionado torna-se o tema central, bem como os procedimentos metodológicos e os processos de ensino-aprendizagem. A partir desta questão problematizamos as aprendizagens construídas e solidificadas ao longo do período de realização do estágio. A análise das reflexões diárias das aprendizagens das estagiárias durante o estágio expressas em suas reflexões foi desenvolvida a luz de pressupostos teóricos, principalmente dos trabalhos de Meneghetti (2007), Pimenta (2004), Pimenta e Lima (2010), Torre (2006). Por meio da atuação como professoras das séries iniciais, o estágio se constitui um espaço de enriquecimento das práticas subsidiadas pela teoria adquirida durante o decorrer do curso bem como das orientações pedagógicas.

Palavras-chave: Estágio, Reflexão e aprendizagem da docência

▪ Introdução

O papel do Estágio Curricular Supervisionado, como parte da formação inicial de professores no ensino superior e, neste caso, de pedagogos é discutido sob o aspecto de aprendizagens dos agentes desse processo. As aprendizagens aqui entrelaçam e constituem a unidade entre teoria e prática. A partir deste pressuposto, o presente trabalho versa sobre as experiências nas relações de aprendizagens vivenciadas no decorrer do estágio entre docente-orientador e de três (3) acadêmicas do oitavo semestre do Curso de Licenciatura em Pedagogia, da Universidade Federal de Santa Maria-RS, no ano de 2010. Considerando as especificidades do contexto social ao qual cada agente esteve inserido buscamos compreender quais foram as aprendizagens e suas significações e principalmente as correlações entre estas e as primeiras motivações. Ou seja, trabalhamos com a seguinte questão norteadora: quais foram os elementos motores que possuem capacidade explicativa das aprendizagens ocorridas, quais foram elas e, o que significam tais aprendizagens no contexto da formação de professores pedagogos no contexto do estágio curricular supervisionado.

O Estágio Curricular Supervisionado constitui-se em um momento de aprendizagem no percurso acadêmico da formação de professores e possui como preocupação fundamental o processo de formação para a atuação profissional. Entendemos investigar esse processo pois os estudos sobre esse período da formação profissional abrem possibilidades para discutir as abordagens e princípios metodológicos bem como a sua conseqüente aplicação nesse espaço-tempo de formação, tentando compreender, quais as relações de professor-aluno e ensino-aprendizagem que essas abordagens proporcionam.

As relações que permeiam a sala de aula são complexas e exigem uma profunda atitude de investigação e exercício reflexivo sobre o ensinar-aprender por parte dos sujeitos envolvidos nesse processo. Complexas porque envolvem pessoas que estabelecem relações objetivas em um contexto em que estão implicadas, por isso elas, são produtoras dessa realidade que ao mesmo tempo investigam. Perrenoud (2002) afirma que “[...] a formação por meio da pesquisa nos parece um desvio útil para uma formação teórica, vivaz, ativa e personalizada.” (2002, p. 10). No sentido que o autor coloca, lançamos sobre nós o desafio de, durante as orientações, sermos autores destes saberes buscando relativizar a teoria com a prática, interligando os saberes voltando-se para as experiências no campo dos estágios, ou seja, fazendo da prática docente em estágio um momento de pesquisa. Demo (1999) contribui dizendo que a pesquisa possui o princípio formativo e portanto, a atitude de perguntar,

indagar sobre o porquê de certos fenômenos e a reflexão e estudo sobre eles favorecem a qualidade formativa nos contextos formais no ensino superior como é o caso do estágio curricular supervisionado. De certo modo, estamos no caminho de conceber esta experiência como proposta em alicerçar-nos na “epistemologia da prática” (PIMENTA e LIMA, 2010).

Sendo assim, nos debruçamos a pesquisar sobre a prática da formação docente no estágio curricular em anos iniciais. Neste trabalho apresentamos uma parte dessa pesquisa que trata do registro das aprendizagens ocorridas durante as práticas diárias das acadêmicas, resultantes de sua atuação docente. Os registros diários deveriam ser feitos não em formato de relato mas de reflexão contendo a pergunta norteadora: “O que aprendi hoje?”. Essa provocação inicial foi porque consideramos que prática educativa tem a finalidade de promover a revisão das aprendizagens obtidas nas experiências vivenciais e, para que os sujeitos das aprendizagens (professora orientadora e as acadêmicas) afirmem aquelas que às constituam protagonistas históricas da própria vida (MENEGETTI, 2007).

▪ **Caminho metodológico**

Por se tratar de um estudo que investigou as aprendizagens das acadêmicas do Curso de Pedagogia durante o seu período de estágio supervisionado em anos iniciais, optamos por trabalhar com a pesquisa documental a partir das reflexões produzidas pelas acadêmicas ao longo do desenvolvimento do estágio em anos iniciais no curso de Pedagogia de três acadêmicas do 8º semestre do ano de 2010. A abordagem que trabalhamos o material é qualitativa (LUDKE, 1986), pois, entendemos que há uma dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito. E, por se tratar de uma pesquisa em que envolve a participação de sujeitos, tomamos como base a concepção de pesquisa-ação em (BRANDÃO, 2003; TIOLETT, 1992). E, conforme Pimenta e Lima (2010) essa foi uma experiência em que ocorreu o estágio como pesquisa e que se fez pesquisa no estágio. A metodologia de orientação das acadêmicas, utilizada pela professora foi a Pedagogia Ontopsicológica (MENEGETTI, 2007), que possui como pressuposto básico o protagonismo e responsabilidade do aprendiz e centra a aprendizagem sobre o critério humano (do indivíduo entendido como pessoa e grupo social).

Por meio das práticas de estágio e das relações com os sujeitos envolvidos nas ações tornou-se o espaço do Estágio Curricular Supervisionado um momento de pesquisa e reflexão

sobre as ações que os sujeitos de pesquisa estavam desenvolvendo. Enquanto exerciam a prática pedagógica o faziam na atitude de pesquisadores e agentes transformadores do espaço-tempo da escola. De acordo com Calazans (2002) “É nesse sentido que a prática da pesquisa é uma prática pedagógica, que sistematiza a formação por intermédio do trabalho orgânico dos sujeitos integrados num coletivo [...]” (2002, p. 65). À medida que, as acadêmicas se inseriam nas instituições escolares puderam explorar e produzir novas compreensões através do exercício da pesquisa, do diálogo, da convivência e da reflexão sobre as aprendizagens com os sujeitos envolvidos no fazer educativo, seguindo sempre o fio condutor de como se dá o processo de aprendizagem escolar com as crianças as quais trabalhavam e que descobertas ao mesmo tempo foram sendo feitas.

Desta forma, acompanhamos o período de um semestre letivo em 180 horas de trabalho, não apenas exercido em situação de prática mas nas orientações também os quais eram expressos em reflexões diárias dos 36 dias de compreendia o período da prática do estágio e que eram escritas no diário de classe ou ainda em um documento anexo. Cada dia de reflexão das acadêmicas foi de em torno de uma página por dia e no total, das três acadêmicas (denominadas A1, A2 e A3) havia em torno de cem páginas que foram lidas e analisadas para o desenvolvimento deste trabalho.

O período de estágio constituiu-se não só um momento de intervenção pedagógica, mas também de pesquisa. Como meio de registrar as vivências de aprendizagens utilizando das reflexões diárias. Ao término das aulas as acadêmicas realizavam uma reflexão guiada pela pergunta “O que aprendi hoje?”. A escrita não tinha a finalidade de ser um relatório, entendido como uma descrição da aula ocorrida e, sim um momento de se perguntar, de pensar, de indagar e refletir sobre a prática ocorrida a fim de contribuir para o desenvolvimento formativo do profissional pedagogo em atuação. Ou seja, o pensar sobre o que eu aprendo com o que estou fazendo remete ao diálogo com os princípios que orientam a ação, o que eles implicam e o que produzem tais princípios. Neste sentido, Freitas e Pains (2007) contribuem explicitando que o uso dos diários possibilitam a inter-relação entre os conhecimentos práticos e disciplinares subsidiando as ações as quais o professor deve atentar no cotidiano.

Partindo da concepção de que ao mesmo tempo auxiliamos os alunos a se desenvolverem os professores (e, neste caso, os pedagogos em formação) neste processo também evoluem juntamente com os alunos, com o espaço escolar e com o orientador.

Constituindo assim de compreender que a forma como se faz a prática pedagógica também deve ser um modo de produção e apropriação do saber fazer pedagógico implícito na ação que, quando conscientizada se correlaciona com as grandes questões debatidas e estudadas nos diversos momentos do curso de pedagogia.

▪ **Mudanças...**

O período de Estágio Supervisionado é um período que deve se transformar em aprendizagens para propiciar os movimentos necessários de mudanças, inclusive da forma de conceber as conexões entre a teoria e a prática. Podemos dizer que a dinâmica promovida neste contexto provoca as acadêmicas a exercerem a capacidade de adaptarem-se às condições diversas e pouco previsíveis, fazendo com que exista um contexto que possibilita o pensar. Fazem parte deste contexto algumas situações como: a interação com o orientador que com o seu modo de trabalhar recebe novas pessoas, com seus modos de pensar e ver o mundo; a sala de aula, na escola, que recebe um sujeito a mais, cheio de idéias e disposto a desenvolver um bom trabalho; a interação com as crianças, acostumadas com um tipo de voz, um ritmo de trabalho e princípios diferentes daqueles que a estagiária vai propor; a interação com a professora, que além de trabalhar com crianças também é responsável pela formação de um futuro professor; a vida acadêmica até então vivida frequentando aulas, lendo os textos, pensando, refletindo, realizando produções escritas com entregas trabalhos. Todo esse contexto, apesar da quantidade de tempo ser muito curta, se, mobilizado com o escopo da aprendizagem pode ser qualitativamente potencializado na formação do professor pedagogo.

Nesse conjunto de “provocações”, as acadêmicas deixam de se perceber alunas e passam a perceberem-se aprendizes de pedagogia, (re)significando muitos aspectos da sua formação. Por meio desse contexto e com a intencionalidade focada nas aprendizagens, como por exemplo, as compreensões que tinham sobre o professor regente. Esta foi se transformando, a sua presença, tornou-se um elemento propulsor no espaço da prática diária das acadêmicas, e, levou-as pensar o Estágio Supervisionado para além de um tempo e espaço de transmissão de conteúdos. Constituiu-se assim em um período onde gerações se cruzam, e se estabelecem relações de trocas de saberes que contribuem para com a construção do saber fazer do outro e, de seu modo de atuação profissional.

Qual é a razão de tantas mudanças? Somos seres inacabados, estamos em constante formação tanto profissional quanto humana. Paulo Freire, em seu livro "Educação e Mudança", argumenta:

Não haveria educação se o homem seria um ser acabado [...] O homem pode refletir sobre si mesmo e colocar-se num determinado momento, numa certa realidade: é um ser na busca constante de ser mais e, como pode fazer esta auto-reflexão, pode descobrir-se como um ser inacabado, que está em constante busca. Eis aqui a raiz da educação (FREIRE, 1979, p. 27).

Reconhecendo, que somos seres inacabados, partimos na busca de continuarmos nos construindo, permitindo-nos aprender com os outros. Mas e a escola, vê as suas crianças como seres em constante construção? Os reconhece como seres crescentes na humanidade, ou somente nos seus aspectos cognitivos?

Pensando nessas duas questões, percebemos que a primeira barreira que as três estagiárias expressam durante o seu processo docente foi não pensar somente no desenvolvimento cognitivo da criança. Espera-se que a criança saiba dividir e multiplicar números, mas não a instiga a compreender que estes processos são diários na nossa vida. Conta-se a história do nosso povo, mas não se relaciona com a atualidade, tampouco se articula com outros conhecimentos. Trabalha-se com seres humanos e não se desenvolve a sua humanidade. Ignora-se que eles sabem, que eles falam, pensam e sentem... mas que precisam desenvolver as suas potencialidades, as suas habilidades humanas. De fato Torre (2006), compreende o estágio curricular

Portanto, nas práticas acadêmicas pedagógicas foram desafiadas durante o período de orientação do estágio a pensar e orientar o seu planejamento e a sua prática tendo em mente a seguinte ideia: "em que as atividades que estou trabalhando irão contribuir para o desenvolvimento do meu aluno?". Esse foi outro elemento que provocou as acadêmicas a repensar, refletir o seu modo de pensar e agir pedagogicamente. Foi difícil para elas pois fez pensar, mas principalmente, com isso, elas revelam que as fez compreender que o pedagogo não trabalha com máquinas, mas com gente. Essa compreensão parece foi muito importante para elas, revelam "parece algo tolo, mas não é. No momento em que percebemos nossas crianças pensando, questionando e trabalhando sozinhas, percebemos que todas as reflexões realizadas frutificaram" (Reflexão A2, 20/08/2010). Nas reflexões finais as acadêmicas expressaram que "assim como nos primeiros dias de estágio nossa professora orientadora nos

carregou e aos poucos nos provocou a andarmos só, também fizemos isso com as crianças” (Reflexão A3, 20/10/2010). Evidenciou uma das acadêmicas que “Hoje as crianças não nos perguntam mais ‘*Professora está certo?*’. Hoje elas, compreendem que o seu crescimento se dá a partir das perguntas e não das respostas. Eu não respondo se está ou não correto. Eu pergunto ‘*O que você acha?*’, ‘*Que tal sentar lá e pensar mais um pouquinho?*’.” (Reflexão A3, 15/11/2010). Portanto, a autonomia da criança é fundada sobre o critério do desenvolvimento de suas capacidades. O pedagogo torna-se então aquele que está a serviço do desenvolvimento integral da criança (MENEGETTI, 2007).

▪ Multi - aprendizagens...

O processo de ensino-aprendizagem se fez em uma direção que envolvesse as acadêmicas na compreensão global de sua presença na escola, não mais com a postura unilateral em denunciar (PIMENTA e LIMA, 2010). Essa foi outra descoberta que as acadêmicas chegaram, expressam

nosso estágio valeu-se em um trabalho em conjunto, somaram-se esforços para que o estágio passasse de uma mera ação burocrática e obrigatória para a obtenção do Título de Licenciada em Pedagogia para um trabalho que contribuísse para a compreensão de o que é ser um professor, por parte dos estagiários, e do desenvolvimento da autonomia e aprendizagem dos alunos (Reflexão A1, 05/12/2010).

O estágio constituiu-se assim, em mais uma etapa do curso, o qual a realidade estava presente na forma dos alunos se expressarem, no modo que agiram com estes e que foi possível estabelecer uma relação dialógica entre professor e aluno durante este período. Aponta Perrenoud (2002) para os riscos da profissão de ser professor o qual infere que a nossas ações tenha comprometimento com o conhecimento e com a responsabilidade. Desta forma, pode-se dizer que as práticas das pedagogas pautaram-se para melhorar e ampliar bem como reconstruir aprendizagens as quais se voltaram para a nossa formação profissional quanto pessoal.

o estágio, se fez um momento onde nós estudantes pudemos nos deparar com questões que nos inquietaram e que nos moveram interiormente para que nossas ações pedagógicas transformassem a sala de aula. Para, além disso, percebemos no decorrer da convivência com outros sujeitos, que nós enquanto estagiárias,

professoras regentes e alunos nos transformamos uns com os outros neste processo de ensino-aprendizagem. As práticas vivenciadas em sala de aula bem como nas aulas de orientações se constituíram de espaços formativos nos nossos aspectos cognitivos, profissional, social e emocional. (Reflexão A3, 31/11/2010).

A partir do momento que o aluno se encontra no estágio passa-se a consolidar valores, postura, concepções necessárias para a promoção da formação tanto cognitivo como subjetivo do sujeito. Por meio das práticas alicerçadas pelo cotidiano da escola puderam no cerne deste espaço refletir sobre o verdadeiro papel de ser professor e qual a contribuição que podem dar para os seus alunos enquanto sujeitos autônomos de sua própria vida (MENEGETTI, 2007).

▪ **Aprendizagens sobre as práticas**

Inspiramo-nos também em Paulo Freire (2007), pois ao estar em uma sala de aula, faz-se necessário que o professor também se permita conhecer e aprender. Através de uma prática em que o aluno é o centro do processo educativo e de que o professor também está na condição de aprendiz, despido do “detentor dos saberes” é que passamos a compreender efetivamente o sujeito com o qual trabalhamos. Desse modo, a partir do momento em que o professor está aberto para aquilo que os alunos trazem, a criança passa de um ser passivo para um ser ativo no processo de ensino-aprendizagem. E nós professores, nos damos conta de que não sabemos tudo, mas sim que podemos caminhar ao lado daqueles que sabem coisas diferentes, e que através da troca ambos podem ampliar os seus saberes.

O Estágio Curricular Supervisionado se faz um momento acadêmico para que se possa repensar a práxis que permeia nossas ações. Perpassando uma concepção fragmentada da realidade do contexto escolar bem como da figura do aluno e o seu modo de aprendizagem. Estar na sala de aula buscando através do conhecimento conhecer e deixar-se conhecer pelo outro é uma eterna prática que o docente precisa estar disposto. Desta forma, o estágio é um momento em que se pode efetivamente compreender o papel do professor, enquanto sujeitos autônomos da sua aprendizagem. Isso evidencia-se no fragmento abaixo, retirado das reflexões diárias de uma das estagiárias

Hoje eu aprendi como devemos ler um texto. Quando digo que o estágio é um momento de aprendizagem não é a toa. Além das discussões sobre conceitos e

teorias, e a sua relação com nossa prática na sala de aula, também aprendemos muitas outras coisas, inclusive como ler um texto (Reflexão A1, 09/09/2010).

Para que os alunos possam compreender o que o professor está dizendo, primeiro este precisa compreender do que está falando. A partir de uma técnica de leitura, desenvolvida durante as orientações pode-se perceber a diferença e a qualidade da leitura e compreensão de textos por parte das estagiárias e conseqüentemente das crianças. Ler perguntando, além de facilitar a compreensão também é um modo de verbalizar o pensamento, bem como de aprender. Desse modo o sujeito é protagonista da sua aprendizagem (MENEGETTI, 2007).

Segundo Pimenta (2004), quando a criança toma o posto de construtora da sua própria aprendizagem, “o papel das teorias é iluminar e oferecer instrumentos e esquemas para análise e investigação que permitam questionar as práticas institucionalizadas e as ações dos sujeitos” (2004, p. 43). Sendo assim, é preciso tratar os alunos como seres inteligentes, com capacidade de desenvolver-se em sua plenitude através da ação da construção do conhecimento, ao invés de, ser um mero receptor de informações. Em vista disso, as ações das estagiárias se direcionaram para auto-realização pessoal dos alunos visto que favoreciam o desenvolvimento global da criança (MENEGETTI, 2007).

Pensar o estágio no campo educacional não se faz simplesmente em apontar erros e equívocos no processo educativo. E, sim através do diálogo e da reflexão pode-se pensar na escola contextualizada com a sua realidade, buscando colocar os sujeitos no centro do processo pedagógico. Neste processo pedagógico a figura do professor se faz de suma importância, pois só se pode pensar em uma educação preocupada com o social se o mesmo se compromete com suas ações pedagógicas. Ou seja, a educação só se faz válida se os sujeitos envolvidos em seu processo buscam fundamentar seus saberes e suas ações para a promoção de uma sociedade igualitária. Através de práticas pedagógicas diferenciadas, pode contribuir para a construção de sujeitos comprometidos com a sociedade

Na nossa sala de aula, temos uma Caixa de Jogos e um Baú de Livros, para aqueles que já terminaram as suas atividades. Desse modo, é “proibido” ficar sem fazer nada dentro da sala de aula! Os jogos da caixa, fui eu quem os trouxe, e por esses dias me ocorreu de sugerir às crianças que confeccionassem jogos de memória com encartes de supermercado, para enriquecermos a nossa Caixa. Foi muito bom ver o empenho das crianças em contribuir para nosso acervo de jogos, mas hoje observei algo muito interessante: que os meus jogos estão menos cuidados do que os que eles fizeram. Por que será? Percebi, que por terem feito parte do processo de confecção, as memórias de encarte de supermercado lhes são muito mais significativas do que

aquilo que é levado pronto. O material que eles confeccionaram, foi um trabalho deles, eles puderam observar todas as partes da confecção, e por esse motivo o interesse maior em cuidar. Ao ver a caixa toda revirada ao final da aula, não me entristeço, me alegro, pois percebo que o material que produzi com a finalidade de ocupar o tempo das crianças está sendo utilizado, e mais consegui despertar neles esse sentimento de cuidado e estender minhas práticas de sala de aula para fora dela, pois muitos me disseram “Bah que legal, vou fazer um jogo desses em casa”. Pelo menos assim, eles não passam tanto tempo somente assistindo televisão ou brincando com jogos eletrônicos, e contribuem para a reciclagem de materiais. (Reflexão, A1 22/09/2010).

Para além do comprometimento social, nós, pedagogos trabalhamos para o desenvolvimento de cidadãos críticos e reflexivos. Nas palavras de Arroyo (2001, p. 97/98):

Educar para a cidadania, para a participação social e política, desenvolver atitudes de solidariedade, cooperação, diálogo e respeito ao outro, como estimular hábitos saudáveis com o meio ambiente e o corpo, são horizontes propostos para todos os professores e as professoras. [...] Se continuarmos com uma imagem de professor(a) competente apenas nos conteúdos tradicionais, pensando que o resto virá por acréscimo, esses objetivos tão proclamados não acontecerão. Trata-se de outro foco, o desenvolvimento pleno do ser humano em suas múltiplas capacidades e linguagens, a construção de identidades e diversidades. Um campo novo ainda que velho, para o qual não se consideram preparados os docentes, porque de fato não foram. Dimensões que não entravam no perfil de professor(a) configurado em nossa tradição conteudista, propedêutica e credencialista.

Sendo assim, os alunos devem ser tratados como cidadãos e cidadãs, e o trabalho escolar entendido como garantia de acesso aos conhecimentos produzidos historicamente pela humanidade; mas, com eles e a partir deles, formar indivíduos críticos, criativos e autônomos, capazes de agir no seu meio e transformá-lo. Tais situações neste contexto quando direcionadas ao movimento de apreender. E, segundo Anastasiou e Silva (2007, p. 19) “[...] para apreender é preciso agir, exercitar-se, informar-se, tomar para si, apropriar-se [...]”. O processo de aprendizagem então passa a ser considerado como o elo fundamental entre professor-aluno, pois ambos apreendem, objetos distintos, é claro, mas formam-se dialeticamente em seu processo interativo.

Na tentativa constante de fazer um bom trabalho na prática pedagógica, as estagiárias nem sempre registraram sucessos. Não foram raras as vezes que encontramos registros de aulas assim “Hoje choveu e veio um aluno” ou “Haviam poucas crianças, não foi trabalhado o que havia sido planejado”. O que fazer nestes casos? As acadêmicas estagiárias tiveram que improvisar e, era muito mais fácil passar alguns cálculos no quadro, algumas perguntas para

serem respondidas, fazer um desenho e caracterizá-lo. Mas isso para as crianças, não passa de um mero ter conteúdo no caderno. E, isso não as faz pensar, não as instiga á curiosidade, isso nega-lhes a condição seres inteligentes e a sua capacidade de serem protagonistas do seu processo de aprendizagem (MENEGETTI, 2007).

O professor, na condição de estimular o desenvolvimento da criança, precisa fazer das cem linguagens (EDWARDS, 1999) que acompanham as crianças, seu aliado, seu parceiro para o desenvolvimento de um bom trabalho. Não nos cabe permitir que as crianças gastem o seu potencial com coisas que não lhes servirão para o seu desenvolvimento. Deste modo, o Estágio Supervisionado foi um momento que nos possibilitou o repensar, organizar, construir e concretizar os desejos de realizar uma prática alicerçada na capacidade de promover as aprendizagens das crianças, visto que, foi por isso que ingressaram no curso de Licenciatura em Pedagogia. Durante este período conheceram muitas teorias e se depararam com situações inesperadas, que por vezes quase as faziam desistir. Porém, enfrentar tais dificuldades e aprender com estas foi fundamental para fortalecer àquilo que buscavam quando ingressaram no curso de licenciatura, o ser professor. E, é este o sentido que expressa que Torre (2006) que para além da aprendizagem profissional neste percurso pode ocorrer também a aprendizagem que implica no seu modo de ser pessoa.

▪ **Em busca das considerações finais**

O Estágio Curricular Supervisionado é um momento da vida acadêmica em que os estagiários dos cursos de licenciatura, na condição de aprendizes, começam a concretizar as suas reflexões sobre as relações que acontecem no âmbito educativo. Esse refletir possibilita a (re) construção de conceitos e concepções sobre educação, como, por exemplo, a relação que existe entre o mundo do aluno fora da escola e o seu desempenho dentro dela.

Deste modo, podemos dizer que o caminho percorrido de buscar a fundar uma “epistemologia da prática” é possível quando esta se concretiza como metodologia de investigação, ou seja, quando o pedagogo se coloca a pensar, a questionar, a centrar a compreender sua ação. Ou seja, entender o porquê está realizando aquela proposta e, o que aquela proposta de ação desenvolve a criança na direção de sua autonomia. Entendemos portanto, que neste processo o elemento motor foi a “pergunta” sobre as aprendizagens que estavam sendo feitas pelas acadêmicas. Essas (re) descobertas que as acadêmicas foram desvelando, faz emergir a sua própria capacidade pedagógica, descobrindo-se também como

profissional aprendiz. O pedagogo portanto, não apenas é o profissional que promove a aprendizagem de seus alunos, mas sobretudo, porque apreende a apreender, é capaz de auxiliar a promover as aprendizagens (descobertas) de seus alunos. Ocorre, que deste modo, preocupa-se com a formação integral de seu aluno e com isso, compreende a sua ação coordenada em um conjunto maior das práticas sociais.

REFERÊNCIAS

ANASTASIOU, Lea das Graças Camargos; ALVES, Leonir Pessate (org.). **Processos de ensinagem na universidade**. 7a. ed. Joinville, SC: UNIVILLE, 2007.

ARROYO, Miguel G. **Ofício de Mestre: imagens e auto-imagens**. 3a. ed. Petrópolis/RJ: Editora Vozes, 2001.

BRANDÃO, Carlos, R. **A pergunta a várias mãos: a experiência da pesquisa no trabalho do educador**. São Paulo, Cortez, 2003.

CALAZANS, M. J. C. **Iniciação Científica: organizando o pensamento crítico**. 2a. ed. São Paulo, 2002.

DAMASCENO, M. N. A formação de novo pesquisadores: a investigação como uma construção coletiva a partir da relação teoria-prática. In: CALAZANS, Maria Julieta Costa(org.). **Iniciação Científica: construindo o pensamento crítico**. 2a. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

DEMO, Pedro. **Pesquisa: princípio científico e educativo**. 6a. ed. São Paulo: Cortez, 1999.

EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella e FORMAN, George. **As cem linguagens da criança**. A abordagem de Reggio Emilia na Educação da primeira infância. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**. Saberes necessários à prática educativa. 6ªed. RJ: Paz e Terra, 1997.

LUDKE, M. & ANDRÉ, M. E. D. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MENEGHETTI, A. **Pedagogia ontopsicológica**. Roma: Psicológica Ed., 2007.

PERRENOUD, P. **A prática reflexiva no ofício de professor: Profissionalização e razão pedagógicas**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

PIMENTA, S. G. e LIMA M. S. L. **Estágio e docência**. 6a. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

THIOLLENT, M. **Metodologia da Pesquisa ação**. 5a. ed. São Paulo: Cortez Editora, 1992.

TORRE, E. M. **Il tutor**: teorie e pratiche educative. Roma: Carocci, 2006.